

Fernando Molica

Ficção que desembaralha vidas

Fazer ficção, muitas vezes, é atuar como uma antena para captar ondas que se propagam ao longo de décadas, séculos, milênios e que carregam episódios, lendas, emoções, histórias. O escritor que se vire para dar algum sentido a essa infinita coleção de fragmentos que flutua em relatos mais ou menos fixados em livros e em histórias que passam e se renovam ao longo de gerações.

Não há aí qualquer contradição entre ficção e realidade: um fato só existe quando é testemunhado e contado. Cada um de nós vê, ouve e narra de um jeito, daí que documentar também é ficcionalizar. E é a partir deste embate que Godofredo de Oliveira Neto constrói o romance “A ficcionista” (Editora Batel).

De maneira proposital, o subtítulo — “Sonhos e fantasias de uma narradora” — mais embaraça do que esclarece. No caso, há dois ficcionistas: o autor propriamente dito do livro (Godofredo, escritor premiado, professor da UFRJ, membro da Academia Brasileira de Letras) e a anunciada no título (Nikki, nascida Maria Nicodema Krüger Mescolatto Loss).

Nikki, segundo a capa do livro, é uma ficcionista; mas ela, em tese, narra uma verdade, conta sua vida para um escritor-entrevistador. Este paga para gravar o que ela diz, e avisa que usará os fatos do jeito que bem entender — fará, portanto, ficção (uma ficção dentro do próprio romance, apresentado pelo autor como algo documental, a simples transcrição de uma conversa).

Algumas das histórias narradas por Nikki, catarinense como Godofredo, remetem à Guerra do Contestado (1912-1916), uma dessas lutas inglórias, esquecidas e, ao mesmo tempo, vivas e renovadas a cada lembrança. O sobrenome da protagonista é Loss, palavra inglesa que remete a uma perda.

As memórias de Nikki são tão factíveis e fantasiosas quanto as que tratam do monge João Maria, personagem do Contestado citado no livro, homem de tamanha complexidade que acabou virando mais de um — passou a ser três.

A tentativa de consolidar em texto a vida daquela jovem revela-se assim tão impossível quanto a de colocar ordem na memória da guerra que mobilizou posseiros e pequenos proprietários de terras contra desapropriações que viabilizariam a construção de uma estrada de ferro.

Criada em São Paulo, Nikki tentou esboçar um projeto lógico para sua vida, virou especialista em mecânica de caminhões, capaz de decifrar minúcias técnicas de motores, movimento e direções. Mas, como aqueles homens e mulheres do oeste de Santa Catarina e do Paraná, viu-se diante de obstáculos grandes demais, incontornáveis.

Foi preciso bater de frente, brigar, desafiar o Estado, seguir caminhos erráticos que conduziram a esboços canhestros de revolução: a guerra do início do século XX, a organização, pelo grupo de Nikki, de assaltos para arrecadar bens e distribuí-los entre os pobres.

A história da jovem confunde-se assim com a de pessoas que atuaram em um conflito que ganhou contornos religiosos e que, como Canudos, acabou rotulado pelo poder como uma rebelião de características antirrepublicanas. Isto, por falar em monarquia celeste, delírio do monge que reencarnava — assombração que, como Nikki, continua a vagar por aí, protegida pelos Doze Pares de França, sempre em busca da vereda profetizada e prometida que leve a um país melhor, mais justo. Ou, como reitera a protagonista, procure uma simples BR, caminho de fuga e possibilidade de destino.

Sérgio Cabral*

Wag the Dog

A expressão que dá título a esse artigo é usada na política norte-americana como uma tática para distrair a opinião pública do país quando o chefe político se encontra em maus lençóis e provoca uma guerra contra um país inimigo para tirar o foco da crise interna.

Wag the Dog, literalmente “abane o cachorro”, é também o título original de um filme de 1997, que no Brasil foi exibido como “Mera Coincidência”, onde o ator Robert de Niro interpreta o papel de um estrategista político que é chamado à Casa Branca para solucionar uma crise em que o presidente dos Estados Unidos está envolvido por conta de um escândalo sexual com uma menor de idade. O filme é extraordinário e conta ainda com Dustin Hoffman e Willie Nelson.

Pois bem, Donald Trump tem um sério e grave envolvimento com o escândalo do bilionário Jeffrey Epstein, que se “suicidou” na cadeia em 2019. Trump era frequentador das farras do bilionário psicopata e abusador de meninas menores de idade. Ele e muitos outros figurões como o ex príncipe Andrews do Reino Unido.

Os documentos que envolvem diálogos e fotos das farras de Epstein e seus convidados estão sendo divulgados e gerando escândalos em série pelo envolvimento de celebridades e políticos. O partido Democrata tem exigido que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos libere todos os registros que envolvem Donald Trump nesses infelizes acontecimentos.

tecimentos.

Nada melhor do que uma guerra contra o Irã para distrair a opinião pública e despertar o sentimento de patriotismo. O Irã é um país governado por lunáticos fundamentalistas que pregam o ódio ao Ocidente, o antisemitismo e que sufocam o seu povo com uma ditadura que já se encontra no poder desde 1979. E o regime iraniano vive um momento de forte desgaste.

Após o ataque à Venezuela e o sequestro do casal Maduro, Trump voltou o teatro bélico de operações dos Estados Unidos para o Oriente Médio. Não pode parar as suas guerras por conta da ameaça Epstein. Já há membros do partido republicano descontentes com o envolvimento do presidente com o escândalo sexual. E as pesquisas indicam que a eleição para a Câmara dos Deputados dará maioria aos democratas.

Trump é um vendedor de sonhos e ilusões. Foi assim na administração de imóveis, hotéis, cassinos e programas de tv.

Ao realizar o ataque ao Irã, distrai a opinião pública, gera gastos com a indústria bélica - - anunciou no Capitólio que o orçamento do departamento de guerra será de 1 trilhão de dólares, assim agrada as empresas do setor armamentista que, junto com o setor de combustíveis fósseis e empresas de TI, foram seus maiores financiadores de campanha. E o mundo que se dane.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

EDITORIAL

Visibilidade para dores ‘quase’ invisíveis

O dia mais raro do calendário, 29 de fevereiro, foi escolhido para simbolizar uma realidade que permanece invisível durante os outros 365 dias do ano. O Dia Mundial das Doenças Raras não é apenas uma data no calendário. É um chamado à consciência coletiva. Mesmo quando o ano não é bissexto, como agora, a mobilização se mantém no último dia de fevereiro, lembrando que milhões de pessoas convivem com condições que quase ninguém vê, entende ou sabe nomear.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, doenças raras são aquelas que afetam até 65 pessoas a cada 100 mil habitantes. Pode parecer pouco. Mas, quando se amplia a lente, o número ganha outra dimensão. O Ministério da Saúde estima que cerca de 13 milhões de brasileiros convivam com alguma das quase 8 mil doenças raras já identificadas no mundo. Raro, portanto, não significa irrelevante. Significa disperso, silencioso e, muitas vezes, negligenciado.

A jornada dessas pessoas costuma ser longa e dolorosa. Diagnósticos que demoram anos, consultas com inúmeros especialistas, hipóteses descartadas, sintomas desacreditados. A maior parte dessas doenças tem origem genética e muitas não têm cura. Ainda assim, tratamento e acompanhamento adequados podem transformar ra-

dicalmente a qualidade de vida. O problema é chegar até eles.

A história do Padre Marlon Múcio escancara essa realidade. Durante anos, ele buscou respostas para sintomas que o acompanhavam desde a infância, como surdez e fraqueza muscular. Só depois de uma longa peregrinação veio o diagnóstico de Deficiência do Transportador de Riboflavina, uma condição genética que compromete a absorção da vitamina B2 pelas células. Ele é um dos poucos brasileiros identificados com a síndrome e, no cenário mundial, integra um grupo que não chega a quatro centenas de pacientes. É o retrato da ultrararidade.

Mas a raridade não o isolou. Ao contrário, o impulsionou. Em 2023, participou da fundação da Casa de Saúde Nossa Senhora dos Raros, em Taubaté, idealizada pelo Instituto Vidas Raras. A proposta é simples e revolucionária ao mesmo tempo: oferecer atendimento especializado e gratuito a pessoas com doenças raras. Em pouco tempo, milhares de pacientes já passaram pelo local, vindos de diferentes regiões do país. Ali, encontram equipe multidisciplinar, escuta qualificada e, sobretudo, reconhecimento.

Falar sobre doenças raras é romper o ciclo da invisibilidade. É reconhecer que, embora cada condição atinja poucos indivíduos, juntas elas formam uma multidão.

Opinião do leitor

Orações

Minha solidariedade às populações de Minas Gerais e Estado do Rio de Janeiro, especialmente àquelas famílias que perderam vidas e suas casas, oremos.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.